

UMA "PAISAGEM NATURAL INTOCADA" PARA O ECOTURISTA VINDO DA CIDADE

Paola Verri de Santana
Mestranda em Geografia Humana no Depto. de Geografia-FFLCH/USP

RESUMO:

O aparecimento da consciência ecológica é caracterizado pela divulgação, através da mídia e pelo crescente número de "adeptos" e "voluntários" interessados pela "causa verde". A formação do que se denominou discurso ecológico compõe as mais diferentes posturas entre governamentais, empresariais, ativistas, e científicas. O ecoturismo surge neste horizonte como mais uma atividade econômica de valorização da natureza, uma prática a ser escolhida e incorporada à vida daqueles que habitem os centros urbanos. Este artigo apresenta a idéia central de uma pesquisa sobre uma crítica ao discurso ecológico disseminado por iniciativa do setor industrial que, passando a usar a qualificação de produtos "verdes", contribui para o acúmulo de riqueza.

PALAVRAS-CHAVE:

Ecologia, turismo, cidade, consumo, espaço

ABSTRACT:

The emergence of the ecological awareness is characterized by dissemination by the communication media and by the increasing number of "adepts" or "volunteers" interested in the "green cause". The formation of what was called ecological discourse comprehends the most different postures, like those from activists, scientists, governments and businessmen. The ecotourism appears on this scene as yet another economic activity with a proposal to value nature, to be chosen and incorporated to everyday life of those living in urban centers. This paper presents the main idea of an research that performs a critical analysis on the ecological discourse disseminated by the industrial sector which starts using the qualification of the "green" products as an argument to keep the wealth accumulation.

KEYWORDS:

Ecology, tourism, city, consume, space

A procura por uma "paisagem natural intocada" surge quando a tecnicidade torna-se um desapontamento. Lefebvre explica como isso surge. Tão logo seja conhecido como um objeto funciona e como se faz para funcionar, a concentração – atenção e interesse sobre um dado objeto – começa a ser desviada para a procura de algo mais. "Se isso é para ser mantido, a sensibilidade tecnológica necessita cada vez mais um

progresso tecnológico mais acelerado. Ao invés disso, o progresso tecnológico acelerado irá constantemente destruir o interesse em tecnicidade, apenas para renovar isso novamente. O progresso técnico força o homem individual e social a aceitar as coações da tecnicidade; ele joga sua parte neste destino, forjando sempre para não mostrar onde ele está liderando, e sem necessidade de saber." (LEFEBVRE, 1995, p. 89).

LEFEBVRE, quando investiga sobre tecnicidade e cotidiano (1967), mostra que a 'substância' é transformada em um conteúdo superficial para fetichizar a forma e isso fundamentaria sua crítica quanto a um "espetáculo uniforme da tecnicidade" Tanto nas telas de cinema e de televisão como na 'realidade' o folclore e a tecnicidade se completam. O espetáculo do mundo, os lazeres, o turismo, prendem-se a esta estrutura. Seus campos de significação resultam numa oposição pertinente: de um lado, um passadismo, nostalgia, variedades em visitas a lugares mortos (museus, antigas vilas), porém, de outro, fuzis, mísseis, cidades científicas, instalações prodigiosas. Na sociedade contemporânea, o cotidiano se aperfeiçoa na crença entre o passado folclorizado e as virtualidades da técnica; ele é organizado como ausência e presença ilusória, como uma substância ambígua.

Para Armando SILVA o processo histórico passa a inverter o senso comum entre o que seja natural, o não produzido, que deixa de ser o anterior ao homem. A técnica tem se tornado natural, apesar de ainda haver resistências para ser aceita. "O não-natural, assim, torna-se apenas o medo ancestral que a humanidade tem de sua própria capacidade inventiva." Com isso o ensaísta reforça a idéia de que o natural não se trata mais dos lugares intocados da humanidade, mas sim a informática, a cibernética, a robótica, a telemática, etc. (SILVA, 1993, p. 42).

Ao lidar com a natureza conquistada, o que está acontecendo parece ser o surgimento da necessidade de retorno às origens. Leonardo BOFF descreve este movimento de regresso. "Estávamos perdidos entre máquinas, fascinados por estruturas industriais, enclausurados em escritórios de ar refrigerado e flores ressequidas, aparelhos eletrodomésticos e de comunicação e absortos por mil imagens falantes. Agora estamos regressando à grande comunidade planetária e cósmica. Fascina-nos a floresta verde, pararmos diante da majestade das montanhas, enlevamo-nos com o céu estrelado e admiramos pela vitalidade dos animais. Enchemo-nos de admiração pe-

la diversidade das culturas, dos hábitos humanos, das formas de significar o mundo." (BOFF, 1995, p. 30)

Esta realidade produz "paisagens naturais intocadas" como novas raridades para um mundo moderno, produzindo a necessidade de dar uma volta ao passado através de lugares ainda fisicamente pouco transformados, ou mesmo uma necessidade de garantir amostras para uso futuro. Nestes casos parece haver uma alienação quanto ao vivido aqui e agora, em troca do desejo de uma vida supostamente melhor. A questão fica entre uma visão nostálgica ou utópica. LEFEBVRE escreve que o tema da vida nova é contraditório, pois liga-se tanto à tecnicidade como à natureza. "Assim a procura pela vida nova toma uma forma contraditória: vôo da tecnicidade, escape, retorno à natureza pura – como 'pura', tão crua quanto o possível." (LEFEBVRE, 1995, p. 89).

O que resta na vida da cidade, a metrópole como símbolo do mundo moderno, quando a insaciável busca por tecnicidade e pela volta a natureza são momentos chegados, por exemplo na cidade de São Paulo? "A metrópole paulista transforma-se em simulacro, preenchida por signos e imagens que emitem ordens as mais diversas sobre como andar, vestir, comer, comportar-se; regulariza comportamentos e determina ações, pois os objetos se dispõem numa ordem hierarquizada em que, reduzidos ao signo, criam um modelo cômodo para que pessoas e consciências sejam manipuladas - uma vez que o signo se separa do significado, torna-se o objeto mágico, que entra no sonho das pessoas, dando um outro sentido à mercadoria." (CARLOS, 1996, p. 27). Isto significa que o tema da vida nova, abordado por LEFEBVRE, é apreendido por tendências ao consumo.

Esta realidade entra na paisagem da cidade. "Assim, a idéia de paisagem aproxima-se daquela de obra coletiva, que por ser realizada pela sociedade contém todas as dimensões humanas; é por isso que a paisagem se revela cheia de vida, ao mesmo tempo em que expressa sentimentos contraditórios, paixões e emoções. As marcas do tempo impressas na paisagem, inscritas nas formas da cidade, repro-

duzem a condição da constituição da humanidade do homem..." (CARLOS, 1996, p. 21). Mas esta vida na paisagem urbana parece perder-se quando é invadida pelo mundo de imagens. Perdido nesta conturbação urbana, o homem sente nostalgia, sonha encontros com paisagens chelas de vida, talvez idealizadas pelos opostos entre o concreto e o cimento dos prédios e dos objetos técnicos. Crescem as contradições, as oposições entre paisagem natural e paisagem artificial. A cidade é produto e obra, já a "paisagem natural intocada" não poderá ser obra, mas produto, pois se presta ao consumo.

Milton SANTOS entende a noção de paisagem através do domínio do visível, de tudo aquilo que os sentidos alcançam: volumes, cores, movimentos, odores, sons, etc. A visão de quem observa depende da sua localização. A elevação, a extensão e a direção do olhar podem proporcionar visões diferenciadas do espaço. Da distância entre o observador e o seu objeto resultam variadas paisagens, panoramas vistos de um avião, de um mirante, de um edifício, de uma rua, de uma árvore, de uma montanha. Para Santos a dimensão da paisagem depende do que os sentidos permitem perceber (como foi destacado através do olhar), a apreensão é seletiva com base em elementos cognitivos formados através de processos formais ou informais de educação. Por esse motivo, a paisagem pode ser apreendida de diversas maneiras por diferentes pessoas. Para lembrar os ensinamentos de Max Sorre de que a geografia não deve ter como objeto o estudo da paisagem, ficando apenas com aspectos descritivos, Milton Santos continua com seu pensamento escrevendo: "Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência." (SANTOS, 1988, p. 61-2). Em se tratando de uma visão da paisagem direcionada ao turismo, não apenas a localização, mas o tempo de exposição da paisagem ao observador, parecem

ser de extrema importância para a percepção. Sim, porque uma visita turística assume uma aceleração no tempo de observação da paisagem; a contemplação, a rigor, carrega um prazo cronometrado mais exposto do que em outras circunstâncias.

SANTOS também explica a existência de dois tipos de paisagem: "A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social" (SANTOS, 1996, p. 64). Pode-se dizer que a divisão territorial do trabalho é desigual e este é um dos motivos pelos quais a paisagem pode ser compreendida como natural e artificial. MARX fala que a divisão do trabalho implica na repartição do trabalho e dos seus produtos, uma distribuição qualitativa e quantitativamente desigual, dando origem à propriedade. Acrescenta-se que este processo tem uma materialidade espacial que produz lugares diferenciados pela acumulação de trabalho contido e pela articulação com outros lugares. Tal fato leva a pensar na heterogeneidade da paisagem, com elementos naturais e artificiais, ora uns mais ausentes e outros mais presentes, ora o inverso. Ademais, Santos completa dizendo: "a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é uma herança de muitos diferentes momentos." (SANTOS, 1996, p. 66).

Mas o que a prática do turismo ecológico hoje busca é uma "paisagem natural intocada" isto é, sem heranças, sem produto humano, sem construção humana, no mínimo sem substituições ou sobreposições. Isto apenas para lembrar que o primitivo,

as transformações das sociedades tradicionais são às vezes aceitas como integrantes dessa paisagem natural. Essa paisagem não chega a ser o lugar onde não houve contatos físicos; o ecoturista seria o primeiro a tocar, a entrar nessa paisagem. O ecoturismo terá ao alcance justamente lugares considerados cada dia mais raros em contraposição à cidade, daqueles remanescentes no planeta. O ecoturismo estabelece relações de contraste entre o cotidiano vivido na cidade, durante o tempo do trabalho, e as experiências fora deste espaço-tempo. Ou seja, onde a 'paisagem natural' não existe mais, não deixou rastro, onde o que prevalece é a paisagem artificial, transformada como obra e produto do homem. Por isso parece justo que o ecoturista seja o próprio habitante da cidade, para quem a paisagem natural é uma ausência cotidiana – talvez seja perda, mas para quem nasceu na cidade e nunca teve paisagem natural, ela seria uma ausência. O ecoturismo pode levar a ganhos ao invés de ser busca pela recuperação de algo perdido. Como a "paisagem natural intocada" pode ser sentida? Sua presença mantém-se na sociedade, através da memória, história, imaginário, reproduzidos por diversos tipos de expressão e de linguagem, retidas pela propaganda dirigida ao ecoturismo.

A tecnicidade está presa à necessidade de sempre renovar o velho objeto técnico conhecido. A contemplação romântica de uma "beleza natural intocada" não estaria agora sendo mais uma vez reexplorada? Sim, mas o ecoturismo não é a mesma coisa, ou é? A contemplação coletiva do "bem material" natural e monumental não estaria no ecoturismo? A descoberta e redescoberta da natureza é um repetitivo antigo na história, portanto, dizer 'volta à natureza' poderia ser entendido que a descoberta tomou outra forma? Arlete Rodrigues faz referência à questão da 'volta à natureza' – durante as décadas de 60 e 70, período de contestações na história, um movimento social da "civilização ocidental urbana e industrial" Surgem naquele momento reivindicações libertárias quanto aos modos de vida da sociedade de consumo, em oposição ao "sistema de objetos"

inserido no cotidiano. "Se foi preciso voltar a ela é porque dela a sociedade havia se afastado..." A autora escreve que movimentos caracterizados como "volta à natureza, de volta ao viver próximo à natureza" seriam na realidade "propostas onde a natureza não é apenas recurso" (RODRIGUES, 1997).

No Prelúdio à Natureza, Lefebvre escreve que o homem deixou a natureza. Seria mesmo controverso pensar em perda exatamente quando a conquista da natureza é um sentimento de realização, apesar dela permanecer sempre como uma virtualidade. Entretanto, o movimento ecologista, com suas fragmentações e digressões, induz a pensar que este fato está prestes a ser consumado, efetivado, a ponto de acusar o homem de destruidor da natureza. O homem tenta, sim, dominar a natureza, ou melhor, tenta trazê-la ao seu domínio, mas isso não significa destruir. Ele a transforma assim como a si próprio, deixando sua animalidade para realização de sua humanidade. No livro "O Marxismo" LEFEBVRE escreve: "As relações fundamentais para qualquer sociedade são as relações com a natureza. Para o homem, a relação com a natureza é básica não porque o homem continua um ser da natureza (interpretação falaciosa do materialismo histórico), mas, ao contrário, porque luta contra ela. No decurso desta luta, em condições naturais, o homem arranca à natureza tudo o que precisa para subsistir e para ultrapassar a vida simplesmente natural. Como? Por que meios? Pelo trabalho e da organização do trabalho." (LEFEBVRE, 1974, p. 74).

A construção da idéia de afastamento e de sentimento de perda, no entanto, liga-se às alienações da vida cotidiana. A 'volta à natureza' é antes de mais nada o desejo de escapar, fugir, libertar-se do que oprime, humilha e pressiona a vida cotidiana. Natureza como escape é uma tentativa de recuperar o sentido do uso. Quando o prazer, os sentidos, o corpo não respondem mais aos objetos, estes já não atendem mais aos desejos e às vontades, o esquema cai na satisfação de necessidades. O sentido da satisfação, como deturpação do prazer, implica no consumo de objetos que presumem a própria insatisfa-

ção, posto que sua ‘substância’ perde seu conteúdo. O prazer, como irredutibilidade, impõe carências inerentes à cotidianidade que implode.

Estas alienações também são sentidas no uso do espaço, que passa a ser mediado em função da troca. Assim a cidade se estende, formando novos laços, a fim de suprir o que nela falta. A dinâmica da cidade depende das relações com outros espaços, mantidas através de fluxos. PRIGOGINE e STENGERS (1984) expõem: “Nós podemos isolar um cristal, mas cidades e células morrem quando separadas de seu meio ambiente.” O turismo é fluxo que integra relações entre lugares diferentes; com o ecoturismo, habitantes da cidade podem passar suas horas de lazer em ‘lugares naturais’ onde a “paisagem natural intocada” esteja presente.

A idéia de paisagem natural poderia ser entendida como ausência de relações sociedade-espaço. Entretanto, a paisagem natural transforma-se em produto da sociedade, quando seu espaço ganha valor de uso para o turismo. A ‘volta à natureza’, baseada em aspirações ligadas ao uso, à reconstituição do prazer, ao ser incorporada como valor de uso para a atividade turística, é imediatamente transformada em valor de troca. LEFEBVRE (1980), ao citar as representações da natureza na ecologia e no turismo, esclarece que ambos aparentemente concorrem pelo mesmo terreno, aquele em que natureza e valor de uso estão identificados, sendo que o turismo a transforma deliberadamente em valor de troca. Enquanto que a ecologia se esforça em direção a uma autenticidade. A questão é entender como os dois se fundem em uma coisa única, enquanto combatem pelo mesmo território: o ecoturismo. A sociedade tradicional mantinha um antigo uso deste espaço, com o ecoturismo o habitante da cidade traz um outro uso.

A fotografia permite objetificar a “paisagem natural intocada” que ganhou valor de troca para o ecoturismo, revelando a sensação de propriedade mais do que de apropriação. Timothy LUKE esclarece que a fotografia possibilita que a natureza seja representada como recurso cênico, proporcionando rei-

maginação fotográfica da natureza. Isso significa dizer que com a generalização da fotografia da ‘beleza natural intocada’ define-se um determinado objeto atraente à prática ecoturística – signos característicos como certas espécies animais e vegetais em extinção materializam-se na televisão, cinema, revistas, *folders* das agências de ecoturismo, etc. Este objeto, presente em paisagens naturais espetaculares, ganha imediatamente um valor. O enquadramento deste objeto obedece a determinados critérios de focagem, como e o que emoldurar, harmonizar em cores, objetos, e luzes. Critérios que parecem aliar-se ou usar idéias próprias como inspiração e determinação resultam em imagens construídas, tendo como base a afirmação de valores pre-estabelecidos. Ademais, sendo a fotografia um dos meios que permite a crença quanto a uma fidelidade da reprodução e da representação do real, ela acaba por cumprir o papel de provar a veracidade da ‘beleza natural intocada’, atrativo incomensurável ao turista. Assim uma ‘paisagem natural intocada’ serve tanto quanto cenário – ambiente – para a realização de atividades específicas com características próprias (esportes de aventura e da natureza, cursos de educação ambiental e fotografia da natureza, estudo de meio, etc.), como espetáculo, que pressupõe uma atitude contemplativa e instrutiva – passiva – do observador. Ou seja, o espetáculo da natureza e da ‘natureza espetacular’ registrada e divulgada através da retórica fotográfica. (LUKE, 1997, p. 46).

Logo, o turista tem instantaneamente o que reproduzir, ver e fotografar. Talvez por isso o turista esteja cada vez mais dependente da necessidade de fotografar a paisagem, ter um instrumento de recordação e um atestado de presença. A “paisagem natural intocada” passa a ser recurso cênico para o ecoturismo, que, organizado, entra com o seu recurso cênico no mercado, pondo a natureza como o seu produto, passando esta a ser sua própria mercadoria. Mercadoria não manufaturada, como diria LUKE, posto que, quanto menos tocada e transformada melhor, mais valor de troca ela adquire. A teoria do valor de MARX, fundada no valor do trabalho huma-

no, foi questionada por GAVIRIA. Tanto na 'natureza intocada' quanto na natureza produzida, há sempre algo ganho sem esforço materializado no espaço. A 'natureza intocada' – mesmo sendo produção de uma idealização humana – revela um valor intrínseco, algo que lhe é próprio, alheio ao trabalho transformador do homem. Entender e ver que este valor intrínseco realmente é absorvido pela produção e acumulação é aceitar uma nova forma de acumulação antes não explorada. Ou será uma simples questão da teoria não ter atingido tal dimensão? Mário GAVIRIA escreve que a emergência das questões ligadas à natureza, elevadas com o ecologismo, sugere uma 'revisão' nesta teoria do valor fundada apenas do trabalho. Enquanto MARX exalta o valor trabalho, GAVIRIA lembra que a questão ecológica faz aparecer novas raridades, com os limites dos recursos naturais e energéticos. Este pode ser um novo fator influente na teoria do valor. Por outro lado, o próprio trabalho de produzir uma retórica fotográfica em prol da propaganda ecoturística seria sim a produção de valor de uma "paisagem natural intocada" (GAVIRIA, 1982)

O que constitui a paisagem no ecoturismo

Entender o ecoturismo, através das tentativas de conceituação existentes hoje, parece ser um bom indicativo do que esta atividade é na prática, e o ideal desejado por quem procura uma definição. Mas antes de enumerar uma lista destas definições e mesmo de analisá-las, convém apresentar o que, possivelmente, mostra-se como mais peculiar nesta atividade, sem prender-se a aspectos específicos decorrentes das transformações inerentes à prática do ecoturismo, de suas origens, de sua evolução e de estágio atual.

O ecoturismo representa uma forma de o homem se relacionar e ver a natureza, pois não promove somente uma aproximação do homem urbano com a natureza selvagem. Se assim fosse, o antigo hábito de passar as férias numa casa de campo ou mesmo acampando numa praia deserta já seria

ecoturismo. Para compreender o que venha a ser o ecoturismo é preciso dar destaque ao contexto histórico em que este se formou. O termo ecológico, atribuído a uma forma de turismo, está associado à disseminação de uma "sensibilidade ecológica" generalizada na década de 80 e que vem sendo alimentada, pelo menos, desde o período pós-guerra. A "sensibilidade ecológica" assim denominada por ALPHANDÉRY, BITOUN e DUPONT, é tratada por diversos autores. Esta idéia representa um discurso comum baseado essencialmente em duas questões chaves. A primeira seria o "medo das catástrofes", simbolizada por fenômenos como o 'efeito estufa' e a 'chuva ácida', que aterrorizam a população humana na terra. A segunda está ligada a "alegrias estéticas e no ressurgimento espiritual que traz uma relação mais direta com a natureza". O ecoturismo está vinculado às duas, a primeira na posição de oposição, isto é, de prática contra a possibilidade de ser causador das "catástrofes", sendo segunda perfeitamente realizada. (ALPHANDÉRY, 1992)

O ecoturismo – especialmente quando se diferencia da noção de turismo de massa – está livre de ser associado ao desenvolvimento de indústrias químicas, petrolíferas, nucleares. Portanto, apesar de ser indústria, não faz parte do 'grupo de risco', isto é, salva-se de ser constituído como causador da 'catástrofes ecológicas'. Ao contrário, é difundido como aliado a modelos estéticos e de vida saudável, inspirados na natureza. O ecoturismo é apresentado como um caminhar libertário das mediações vividas no cotidiano. Ou seja, também seria uma oposição à ilusão de um modo de vida em que a felicidade estaria no que Baudrillard diria com a idéia de um sufocamento pelo "sistema de objetos" e Granou com a do "reino da mercadoria" porque não é o chamado turismo para compras.

Mas se este seria um momento último, LEFEBVRE (1980) lembra que há idéias que surgem num determinado momento na história, que não se apagam, e às vezes parecem ressurgir com um vigor, como se os conceitos permanecessem os mesmos. Isso para lembrar que há um movimento anterior,

inclusive no sentido de possibilitar a fecundação desta “sensibilidade ecológica” DIEGUES recapitula que o turismo ecológico (ou ecoturismo) tem incutido o que ele chamou de neo-mito de natureza intocada e selvagem. “A noção de mito naturalista, da natureza intocada, do mundo selvagem diz respeito a uma representação simbólica pela qual existiriam áreas naturais intocadas e intocáveis pelo homem, apresentando componentes de um estado “puro” até anterior ao aparecimento do homem. Esse mito supõe a incompatibilidade entre as ações de quaisquer grupos humanos e a conservação da natureza. O homem seria, desse modo, um destruidor do mundo natural e, portanto, deveria ser mantido separado das áreas naturais que necessitariam de uma “proteção natural”” (DIEGUES, 1994, p. 45).

A natureza assim idealizada tem sua presença nas paisagens naturais e sua ausência nas paisagens industriais e urbanas. Por esta razão os habitantes das grandes cidades são os principais formadores da demanda por ecoturismo. Mas DIEGUES esclarece que coexiste hoje uma variedade de “mitos” sobre a conservação do mundo natural, e que isso reside em resistências antagônicas motivadas pelas diferentes formulações de cada sociedade. Sem querer aqui investigar as oposições míticas e práticas entre sociedades tradicionais e as modernas, como fundamentou o estudo realizado por Diegues, vale frisar apenas que o neo-mito da natureza intocada e selvagem pertence ao urbano. Ou seja, pessoas da cidade teriam estes espaços em estado “puro” para benefícios como o passeio, a diversão, a reposição de energia, etc., porque estes se tornaram uma raridade no meio urbano. A vida cotidiana, entretanto, teria mantido (ou criado) a necessidade de ter a sua extensão em áreas naturais, porque muitas vezes estão fora das cidades como lugares reservados ao lazer e à reprodução da vida.

Existe no ecoturismo uma forma de contemplar a natureza. Primeiramente, neste caso a natureza é vista como sendo uma paisagem com o mínimo sinal de presença da sociedade industrial e urbana,

preferencialmente como sendo uma amostra do seu oposto, capaz de mostrar aquilo que supostamente foi perdido ou está ausente na vida cotidiana. É a idéia de natureza intocada, inexplorada, preferencialmente aquela que mostra a exuberância da fauna e da flora em estados naturais. A natureza preservada, não degradada, relíquia que a ação do homem pouco transformou, um lugar confundido com aquilo que um dia teria sido o espaço natural. Seria então uma ‘paisagem natural’? Sim, quando esta ‘paisagem natural’ significar a inexistência total da ação do homem, se for o avesso a qualquer registro histórico? O ecoturismo implica em ser por si só uma própria exceção; as relações dos visitantes que chegam, hospedam-se e voltam aos seus lugares de origem. Mesmo se casos individuais não sejam capazes de transformar a paisagem, ou até há a presença do homem ou o que Milton Santos lembra em Pensando o Espaço do Homem, a intenção de ir a espaços assim caracterizados onde sua existência está no imaginário e conhecimento. Isso responde à possibilidade de dúvida quanto a não-existência de um espaço natural, mesmo se a paisagem aparece natural. Porém, ao menos para a ação turística, parece evidente que ela produza suas marcas na paisagem, vias de transporte para os fluxos freqüentes de turistas, construção de pousadas, áreas de acampamento, restaurantes, etc. Isto é, inicia-se um processo de transformação da natureza para atender a uma demanda turística. Na realidade, esta transformação no intuito de formar a infra-estrutura turística, o ‘receptivo turístico’, seria no mínimo a chegada do turismo em antigas vilas bucólicas. O que era casa de morador é reformada para servir como pousada; muda-se a funcionalidade e tenta-se manter as formas, com a imitação de estilos regionais através da arquitetura vernacular.

Isso denota que os registros históricos originais estão presentes na idealização desta “paisagem natural intocada” mas a questão é entender que o sentido do lugar se transforma. O lugar, que se refere a símbolos de um estágio de desenvolvimento rudimentar, onde recursos urbanos e industrializados

modernos ainda não estão fixados fisicamente em sua paisagem, passa a ter um valor de uso típico dos moldes do mundo moderno, dito urbano e industrializado. Este mundo, entretanto, é percebido como ausência inicialmente apenas por quem vive na cidade e está de passagem nesses “lugares naturais”. Estes espaços raros dentro da cidade ganham valor quando integrados à dinâmica da vida urbana. Portanto, mesmo sem transformação da paisagem tais lugares passam a estar inseridos nas relações sociais do mundo moderno.

Cada lugar que se transforma em destino ecoturístico tem a sua peculiaridade, a história do lugar também marca diferenças, que são capturadas como riqueza tomada como atrativo para o turismo ecológico e cultural. As pequenas vilas de pescadores, antigo casario colonial são exemplos históricos concretos do que também seduz o ecoturista, mesmo que sejam tomados como atrativo turístico secundário, perdendo em atenção para os aspectos da fauna e flora. Assim, caracterizar a natureza selvagem, mais biocêntrica do que antropocêntrica, como único objeto de atração para o ecoturismo não é suficiente para defini-lo. No entanto, o elemento humano se apresenta pela diferença de nível de desenvolvimento, como exemplo de um momento histórico ou de uma cultura diverso.

Então, porque não dizer que o homem nativo, a comunidade local com sua cultura, costumes e tradições regionais também não seriam objetos atrativos para a prática ecoturística? Não é todo o dia que o homem urbano pode estar tão próximo de um caicara, um índio, um ribeirinho, um seringueiro, um peão boiadeiro, uma rendeira, um jangadeiro, um caçador de caranguejo e tantos outros no Brasil, um balinês, um tibetano, um quichua, inca, andino, no mundo. Estes sim estão compondo a “paisagem natural intocada”. ora por suas culturas tradicionais, ora por serem rurais. A revista Os Caminhos da Terra¹

traz uma reportagem sobre aqueles tipos brasileiros e descreve, por exemplo, que “o homem pantaneiro, que é basicamente um vaqueiro adaptado para as pastagens úmidas, nasceu com a chegada da criação extensiva de gado ao Pantanal.”

O ecoturista se isolaria do ambiente visitado ou teria uma experiência interativa verdadeira com este ambiente que lhe é estranho? John URRY destaca o fato de que vários estudiosos de uma sociologia do turismo concentram-se exatamente neste aspecto. Ele cita Boorstin para dizer que o turista é protegido da estranheza do ambiente que o cerca e o hospeda, isto é, sai de seu ambiente urbano cotidiano e entra numa “bolha ambiental” (URRY, 1996, p 23) A organização do turismo garante ao turista um ambiente familiar, guias, agentes de viagem, hotéis são acolhedores e mediadores da inevitável, porém superficiais na apresentação do ambiente e das culturas locais. O contato com a comunidade local, portanto, é reduzido, e o envolvimento desta muitas vezes restringe-se a atribuições funcionais inseridas na cadeia do turismo (guias locais, cozinheiros, etc.). Para François ASCHER, as comunidades locais podem vender tanto sua força de trabalho como também a elas próprias² ao se con-

² Sobre este assunto vale destacar o turismo sexual inclui a venda do próprio corpo e além de poder ser simplesmente associado uma forma de venda da natureza também sugere um “contato com o primitivo”, como apresentou Tito ROSEMBERG: “I am from Brazil, a country where sex tourism is a big hit, in Manaus is everywhere, with loads of germans and other european nationals going there for “ecological orgies” in which they rent tour boats full of local ladies.” O autor deste depoimento é o proprietário da Tito Rosenberg Expedições. Este é ao menos um exemplo que suscitou grande debate (originário de uma questão apresentada sobre o turismo sexual na Tailândia, se este seria decorrente de uma suposta liberação religiosa, budista) no grupo de discussão Green-Travel, organizado Marcus L. Endicott através do sistema de correio eletrônico (também na internet, URL: <http://www.green-travel.com/>), no qual participam profissionais, acadêmicos, ambientalistas, turistas, etc. ligados ao turismo ecológico em diversos países.

¹ ROMANINI, Vinicius. Quem somos, afinal? Os Caminhos da Terra. São Paulo: Abril, junho 1998. Ano 7, n. 6. Edição 74.

verterem em espetáculo para o turista; ele cita o exemplo de Bali. (ASCHER, 1985, p. 13).

O modo de vida da comunidade local, sua identidade, etc. estão sendo reproduzidos como signos atrativos à prática do ecoturista também, até porque seria inevitável manter um olhar apenas sob signos de uma ‘paisagem natural intocada’ Isso porque a maior parte das áreas naturais visitadas por ecoturistas possui uma existência ligada a sociedades tradicionais. Isso se explica pelo fato delas também serem vistas sob representações ao primitivo, pela oposição a características associadas a modos de vida urbano-industrial.

Entretanto, o “consumo ecoturístico” se limita à efeitos comparativos entre culturas tradicionais e industriais, nem entre paisagem natural versus paisagem urbana ou industrializada. O prefixo “eco” expressa também outras intenções, a de no mínimo chamar a atenção do turista para aspectos da fauna e da flora em seu próprio meio ambiente. Além da fauna ser representativa de um estado “puro” natural, um animal passa a ser símbolo de uma espécie em extinção (o mico-leão-dourado), símbolo de uma diversidade biológica ausente na cidade, na indústria, na vida cotidiana. O atrativo ecoturístico não é somente o banho de cachoeira, sentar e caminhar pela praia, cavalgar, mas especialmente conhecer uma biodiversidade, às vezes supostamente em extinção. Observar baleias, nadar com o golfinho, tocar em corais, sair ao encontro de dezenas de jacarés³ em seu hábitat natural são símbolos do que fascinam um ecoturista. A natureza é transformada em espetáculo diferente da vida urbana moderna. Para tanto, este turista precisa chegar perto, sentir entrar num ambiente natural real, nem que seja apenas por reduzidas horas. Caminhar por trilhas estreitas, escorregadiças ou íngremes, sob sol ou chuva é ter que sair do

automóvel, do ônibus, da excursão, isto é, tentar ao máximo evitar resíduos de uma vida e de uma paisagem urbano-industrial. Num passeio de escuna, chamar a atenção do apreciador para o encontro das águas pode torna-se ato sistemático.

GEFFEN e BERGLIE, apresentando vários tipos de excursões organizadas de ecoturismo, das mais específicas até a mais comum, assim expressam: “Excursões naturais de interesse geral - a maioria das excursões tem um escopo amplo, oferecendo uma visão geral de um hábitat ou localidade particular, com apenas a atenção moderada para elementos específicos como: pássaros, flores, árvores, características geológicas, etc. O objetivo é dar um sentimento geral sobre a natureza da área. Os líderes da excursão normalmente têm uma especialidade e conhecimento superficial em outros campos. Normalmente estes passeios incluem algum de barco ou algum tipo de viagem de aventura (as viagens de aventura em geral não estão incluídas em si. Apesar de provavelmente ver alguma natureza em viagens de rafting, hiking e que os líderes da excursão poderem ter familiaridade com a flora e a fauna, normalmente o foco é na aventura e não na natureza).” (GEFFEN E BERGLIE, 1993)

Quando a ênfase é a natureza, para GEFFEN e BERGLIE, as excursões de ecoturismo privilegiam atividades mais especializadas, que em geral servem a um público mais exigente, ou melhor, mais interessado pelos temas dados pela ecologia. Aquela sensibilidade ecológica está em toda parte, ALPHANDÉRY, BITOUNE e DUPONT (1992) advertem: “e se, para qualquer um, ecologia rima com natureza, é evidente que nem todos estão de acordo sobre a natureza da ecologia.” Assim, se uma consciência ecológica avança alcançando o turismo, este tem, por sua vez, o seu olhar sobre qual é a natureza desta natureza. Para ilustrar acredita-se que os alguns tipos de excursões descritos por Geffen e Berglie sejam bem representativos, como a de observação de aves, de botânica ou flores silvestre, safári de animal, etc.

Todos, valorizem símbolos positivos da natureza perdida, aquilo que parece incontestável, a

³ A focagem de jacaré é uma das atividades mais comuns e praticadas no ecoturismo brasileiro, em lugares como o Pantanal. Seriam uma espécie de safari fotográfico.

presença óbvia de uma natureza que nada se assemelha com o homem. Dizer que isso não é sua criação também revela-se como evidência. Entretanto, a criação deste universo visual é sim obra e produto do homem. As aves, as baleias, os répteis, as flores, as árvores, todos são transformados em “objeto sagrado do ritual turístico”, objetos que formam a ‘paisagem natural intocada’ (que também é objeto do olhar), mas que são eles fundamentais para a definição de um espaço visual, aliás, do que fotografar e filmar. URRY trata esta idéia, citando MacCANNEL para abordar o processo de sacralização, que torna um determinado artefato, natural ou cultural, um objeto sagrado do olhar, porque as pessoas devem aprender como, quando e para onde “olhar” (URRY, 1996, p. 26). O olhar é seletivo para os elementos de uma “paisagem natural intocada”, símbolos de uma ‘biodiversi-

dade’? Um espaço visual (produzido) para o ecoturismo, como diria Lefebvre, estaria se definindo. Fica uma dúvida bem simples (contudo nem um pouco fácil de ser explicada), por que são raras, se é que existem, as excursões para observar sapos, cobras, bem como, para experimentações da loucura que pode vir a ser a vivência com os insetos ao fim da tarde? O conforto que a vida moderna (da classe média ou rica) na cidade proporciona é insubstituível neste sentido? A menos que se façam quartos protegidos em hotel, como aliás é a tendência, nem tudo seria volta ao paraíso perdido, idéia religiosa ainda nem explicitada. Tendência porque o ecoturismo não é apenas para aventureiros dispostos a enfrentar tudo, é justamente para quem não teria esta coragem de sair de sua casa, e assim se produz a “bolha ambiental” como construção receptiva.

Bibliografia

ALPHANDÉRY, Pierre; BITOUN, Pierre e DUPONT, Yves. *O equívoco ecológico: riscos políticos*. São Paulo: Brasiliense, 1992. 189 p.

ASCHER, François. *Tourism: Transnational corporations and cultural identities*. Paris: Unesco, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. *Selected writings*. Stanford: Stanford University Press, 1988. Editado por Mark Poster.

_____. *Simulacres et simulation*. Paris: Galilée, 1981.

BOO, Elizabeth. *Ecotourism: the potentials and pitfalls*. Washington: WWF World Wildlife Fund, 1990. 63. P. V.1

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço e indústria*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 1991. 70. P.

_____. Notas sobre a paisagem urbana Paulista. Signos da Paisagem Paulistana. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo/ Secretaria de Cultura Municipal/ Biblioteca Mário de Andrade, jan./dez. 1996. v.54. p. 21-30

DAMIANI, Amélia Luisa. *O lugar e a produção do cotidiano. Encontro: Lugar e Formação Sócio-Espacial*. 1994.

_____. O lugar, o mundo e o cotidiano. *Anais do 6º Encontro de Geógrafos de América Latina*. Territórios em Redefinição: lugar y mundo en América Latina. Buenos Aires, mar/1997.

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB Universidade de São Paulo, 1994. 163 p.

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: A árvore, o animal, o homem*. São Paulo: Ensaio, 1994. 193 p.

GAVIRIA, Mário. La subversión ecologista. *Pensamento Ecológico*. Boletim Informativo. São Paulo: Pensamento Ecológico, jul. ago. 1982. Ano 4, n. 15. P. 26-38. (entrevista realizada por Miguel Gil, na revista Transición, n.6, Iniciativas Editoriales SA, Barcelona)

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: A lógica cultural*

- do capitalismo *tardio*. São Paulo: Ática, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *Introduction to modernity: twelve preludes, September 1959 - May 1961*. London/New York: Verso, 1995. Ninth Presude: Nature and nature conquered. P. 132-156.
- _____. *La présence et l'absence: contribution à la théorie des représentations*. Tournai: Casterman, 1980.
- _____. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1974.
- _____. *O marxismo*. São Paulo: DIFEL/Saber Atual, 1974. 4 e.
- _____. *Position: contre les technocrates en finir aver l'humanité-fiction*. Paris: Gonthier, 1967 p.1-40.
- LUKE, Timothy W. Nature protection or nature projection: A cultural critique os the Sierra Club. *Capitalismo, Natureza, Socialismo: A Journal of Socialist Ecology*. Santa Cruz, mar. 1997. V. 8 (1). N. 29. P. 37-63.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989. Textos Filosóficos. n 22. 270 p.
- PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. *Order out of chaos: man's new dialogue with nature*. New York: Batam Books, 1984.
- RODRIGUES, Arlete Moyses. Novas práticas e novas matrizes discursivas? *Natureza e Sociedade de Hoje: Uma Leitura Geográfica*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC - ANPUR, 1994. p. 119-126.
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo: HUCITEC, 1996. 4 ed. 124 p.
- _____. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: HUCITEC, 1982. 65 p.
- _____. *Por Uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1986. 3 ed. 236 p.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. "A insurreição do uso" Org. MARTINS, José de Souza. *Henri Lefevre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: HUCITEC, 1996. p. 71-97.
- SILVA, Armando Corrêa da. "A geografia humana e a abordagem naturalista" In SOUZA, Maria Adélia. (org.) *Natureza e Sociedade de Hoje: Uma Leitura Geográfica*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC - ANPUR, 1994. p. 42-45.

